

## IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE O COTIDIANO DAS CRIANÇAS

*Louise Cristine Silvestre Lopes<sup>1</sup>, Carine Gomes Bomfim<sup>2</sup>, Débora Almeida do Nascimento<sup>3</sup>, Alessandro Capóia<sup>4</sup>, Tânia Maria Gomes da Silva<sup>5</sup>, Marcelo Picinin Bernuci<sup>6</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Cesumar - UNICESUMAR, Campus Maringá/PR. Bolsista PIBIC/FA-ICETI- UniCesumar. louisestilvestre5@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari/PR. carinegbomfim@hotmail.com

<sup>3</sup>Pedagoga. Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Cidade Verde, Maringá-PR. deboradealmeida@hotmail.com

<sup>4</sup>Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá-PR. kpoia27@yahoo.com.br

<sup>5</sup>Coorientadora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Bolsista Produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI). tania.gomes@unicesumar.edu.br

<sup>6</sup>Orientador, Doutor, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Bolsista Produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI). marcelo.bernuci@unicesumar.edu.br

### RESUMO

A Covid-19 é um acontecimento dramático que alterou profundamente a dinâmica das famílias. O objetivo deste artigo é analisar os efeitos do isolamento social sobre o cotidiano infantil. Considera-se que o fechamento das escolas, uma das principais redes de sociabilidade da infância, e a exposição a notícias continuadas sobre adoecimentos e mortes, podem ter comprometido suas condições emocionais, comportamentais e psicológicas. Investigamos como 16 crianças, com idades entre 05 e 12 anos, que frequentam as atividades culturais de uma entidade filantrópica, foram afetadas. As pandemias não são um fenômeno novo e tampouco deixarão de existir. Defende-se que a proposição de estratégias de enfrentamento desses momentos de excepcionalidade é de grande significância futura.

**Palavras-chave:** Covid-19; Infância; Promoção da Saúde.

## 1 INTRODUÇÃO

Pandemias e epidemias são velhas conhecidas da humanidade (CHALLOUTS; TOLEDO; SILVA, 2020). Tratam-se de doenças infecciosas de grande letalidade e abrangência geográfica (PETERMAN *et al.*, 2020), sendo mais frequentes em momentos de crise (BARATA, 2000). Pandemias ajudam a desnudar a fragilidade humana quando o aparato técnico-científico poderoso que a sociedade alcançou se mostra pouco capaz de vencer um diminuto vírus infeccioso. É o que se observa frente à emergência do coronavírus (SARS-CoV-2), causador da síndrome respiratória aguda grave (COVID-19), que surgiu na China em dezembro de 2020 (WHO, 2020) e cuja letalidade atualizou um texto do século XVI que dizia: “E a peste ganhou força [...] e mais ainda avançou o mal [...] e os parentes raramente ou nunca se visitavam, e só o faziam à distância” (BOCCACCIO, 2013, p. 23).

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) orientou os governantes que adotassem uma série de medidas para conter o vírus, tais como lavar as mãos com frequência, utilizar máscaras e manter o isolamento social (WHO, 2020). Esta última foi a medida de maior impacto, devido às mudanças que, desde então, vêm promovendo na vida das pessoas. Com o isolamento, a dinâmica das famílias foi modificada e embora todas as pessoas estejam sofrendo com essa nova realidade, alguns grupos foram particularmente afetados (CHALLOUT; TOLEDO; SILVA, 2020). Um exemplo são as crianças (MARQUES *et al.*, 2020), e em especial as que vivem em condições de vulnerabilidade (MARQUES *et al.*, 2020; PASTORE, 2020).

No Brasil, considera-se criança a pessoa com até doze anos incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos (ECA, 2017). Em 2019, o país contabilizava uma população de 65.600.982 pessoas na faixa etária de zero aos 18 anos, sendo 45% delas (18.790.798) pertencentes às classes de menor poder econômico, habitando

majoritariamente a zona urbana e vivendo nas regiões Norte e Nordeste do país (PASTORE, 2020). Essas crianças foram as mais afetadas pelas medidas de isolamento social, notadamente o fechamento das escolas, onde, grande parte delas, recebia alimentação diária. Assim, embora não se subestime a importância no enfrentamento das medidas de isolamento para contenção do vírus de Covid-19 e nem se negue quão imperiosa ela se apresenta é importante pensar como os grupos mais vulneráveis sofrem suas consequências.

Dados disponibilizados em 2020, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), informaram que 77% das crianças e adolescentes do mundo (1,8 bilhão) viviam em países que adotaram políticas de isolamento social e, destas, mais de 72% (1,3 bilhão) estavam fora da escola (MIRANDA; MIRANDA, 2021). No Brasil, a decisão de fechamento foi tomada em abril de 2020, por meio da medida provisória 934/2020, que dispensou a obrigatoriedade do cumprimento de 200 dias letivos, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB e regulamentou o ensino remoto (MELLO; SANTOS; SOUSA, 2020). Desde então, mais de 60 milhões de crianças no Brasil ficaram sem frequentar a escola (PASTORE, 2020).

Com o ensino remoto professores e alunos continuavam a interagir de forma virtual, buscando, tanto quanto possível, manter a rotina de aprendizagem. Contudo, o fosso entre os estudantes que dispunham de suporte para essa modalidade de ensino, utilizando computadores, *tablets* ou *smartphones*, e aqueles que, para acompanhar as aulas, precisaram subir em árvores para captar melhor os sinais de Internet, como fez o adolescente morador do Oeste do Pará (JOVEM SOBE EM ÁRVORE..., 2021), deixaram a nu as disparidades econômicas no Brasil. Ademais, somado ao comprometimento no processo de aprendizagem, as crianças estiveram expostas a outras vulnerabilidades, tais como a restrição alimentar diária, redução da cobertura vacinal para várias doenças, superexposição às redes sociais e expostas à violência doméstica (MIRANDA; MIRANDA, 2021; MARQUES *et al.*, 2020).

Assim, mesmo que as pesquisas evidenciem que as crianças têm menor probabilidade de infecção e baixa taxa de morbidade, quando se busca olhar a infância de maneira mais abrangente e não limitada aos aspectos puramente biológicos percebe-se que elas jamais estiveram imunes aos agravos trazidos pelo coronavírus (GOSH *et al.*, 2020).

Durante a pandemia, o mundo foi levado a uma profunda reinvenção do cotidiano. Certeau (1994) denomina de deslocamentos essa criação de novas estratégias e táticas de existir e considera que é geralmente nesses momentos de fragilidade que os sujeitos excluídos dos espaços de dominação constroem modos de participação social. Vale lembrar o jovem paraense e sua escalada literal em busca do conhecimento; ainda que não se tenha a pretensão de romantizar esse ou outros modos através dos quais os sujeitos buscam se colocar no mundo, mas antes admitir esta possibilidade.

Todavia, a reconfiguração da vida cotidiana não é simples, porque exige das pessoas um esforço de adaptação que pode gerar alto nível de estresse emocional e comprometer a saúde, independentemente da faixa etária (LINHARES; ENUMO, 2020; POLETTI; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009).

Neste aspecto, o fechamento das escolas em 2020, ainda que a entendamos como uma ação necessária para a preservação da vida, comprometeu muito o processo de socialização das crianças, afastadas de seus professores e amigos e que, somada à exposição frequente a notícias envolvendo adoecimento e mortes, pode ter gerado um sofrimento psicológico ainda mais comprometedor do que o próprio vírus (GOSH *et al.*, 2020). Assim, consideramos que conhecer essas dificuldades do ponto de vista de quem efetivamente a sofreu/sofre, ou seja, as próprias crianças, deixando que falem de suas dores, pode contribuir para a tomada de ações mais adequadas num mundo pós-

pandêmico, notadamente na perspectiva da promoção da saúde. Diante disso, é possível ponderar: o que o futuro nos reserva e quão preparados estaremos para enfrentá-lo?

O presente estudo considera que a análise social que se sustenta apenas na visão de um grupo social, como os adultos por exemplo, apequena o conhecimento das experiências humanas. Nesta perspectiva, o presente estudo rompe com o adultocentrismo, tendo como objetivo conhecer os impactos da pandemia de Covid-19 sobre um grupo de crianças moradoras do município de Mandaguari, Noroeste do Paraná.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa que nos propomos a apresentar foi de natureza exploratória e abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa lida com interpretações da realidade social, buscando não quantificar, mas apreender os costumes e dados do mundo social construídos no processo de comunicação, na maneira como as pessoas falam sobre si e sobre os outros (BAUER; GASKEL, 2015). O estudo envolveu 16 crianças, sendo 10 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com idades variáveis: 5 anos (5 crianças), 6 anos (1), 7 anos (2), 8 anos (2), 9 anos (3), 11 anos (1) e 12 anos (1). O grupo foi escolhido aleatoriamente entre as que frequentam o projeto cultural da Comunidade Social Cristã Beneficente, entidade filantrópica sediada em Mandaguari, Noroeste do Paraná. As crianças que compuseram o estudo são procedentes de famílias das camadas médias e baixas.

A instituição existe desde 1984 para atender famílias de baixa renda do município. Oferta oficinas de literatura, artes, canto, desenho, karatê, hip hop, balé, violão, jardinagem, além de encontros para discussões de temas contemporâneos. Com a pandemia as atividades foram suspensas e as atividades passaram a ser ofertadas através de gravações enviadas por *WhatsApp*. Também foi feita pela entrega de atividades pedagógicas aos pais que puderam se deslocar até o local. Como forma de atrair a participação das crianças, os professores criaram gincanas de desenhos, concursos de poesia e de construção de maquetes sobre o meio ambiente.

As entrevistas foram realizadas nos meses de agosto a novembro de 2020, por meio de perguntas-respostas por *WhatsApp*, seguindo um roteiro pré-elaborado composto por 11 perguntas norteadoras. A instituição disponibilizou os contatos telefônicos das famílias e diante da explicação dada aos responsáveis, àqueles que deram o aceite, sem interferência dos responsáveis, foi agendado dia e horário para a chamada de áudio.

Utilizou-se análise de conteúdo para a interpretação dos resultados (BARDIN, 2017). O estudo recebeu a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Maringá, sob o número sob o número 4.024.681, em 13 de maio de 2020.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa evidenciou que as crianças estavam informadas da importância do isolamento social e dos meios de proteção. Embora o termo “distanciamento social” tenha sido usado por apenas duas crianças, com 10 e 11 anos, respectivamente, todas demonstraram entender o significado do termo. Quanto ao uso de máscaras houve maior conhecimento, sendo que 12 disseram usá-la e saber de seus benefícios.

Na pergunta sobre se os pais faziam o isolamento social, as crianças disseram que sim, mas que o pai tinha de sair para trabalhar enquanto a mãe ficava em casa. Isso foi dito mesmo por aquelas crianças cujas mães trabalham fora do ambiente doméstico, evidenciando que as representações sociais do homem provedor e da mulher dona de casa permanecem fortes no imaginário infantil.

Quanto a pensar no coronavírus, as crianças disseram que não costumam ficar pensando muito, mas quando o fazem afirmam sentir tristeza, raiva, medo, preocupação e

“uma coisa ruim”, além de impaciência para que esse momento chegue logo ao fim e elas possam voltar à vida normal. A normalidade mostrou ser ir à escola, brincar com os amigos, andar pelas ruas e poder sair com os pais. A televisão foi citada como o principal meio de informação sobre o coronavírus, sendo que o rádio apareceu apenas em um depoimento. Todavia, somente uma criança afirmou aprender por esses veículos como se proteger, sendo os pais e professores os principais transmissores dessa informação.

Quando perguntadas sobre o que gostam de fazer durante o período de isolamento, 14 crianças mencionaram assistir TV, usar o celular ou o *tablet*, assistir vídeos ou filmes nas plataformas YouTube e Netflix. Dessas, 12 disseram ainda que brincam com os irmãos, conversam com os pais, leem e estudam mostrando ter havido interação social entre os membros da família durante a pandemia.

Uma única criança citou a leitura de obras literárias fora do ambiente escolar, como forma de passar o tempo e duas afirmaram andar de bicicleta em ambientes rurais dos avós. Quando questionadas sobre o que não gostam na quarentena, 13 crianças citaram que o pior é “ficar em casa” ou “não sair de casa” e 9 afirmaram sentir falta dos amigos. Apenas uma resposta envolveu aula *on-line* como um ponto que não gostava na quarentena. A razão para não gostar da aula *on-line* foi, segundo a criança que assim se manifestou, ter dificuldade para entender a matéria e precisar da ajuda dos pais. Somente uma criança afirmou entender melhor a matéria quando a aula é presencial, ainda que não tenha reclamado do modelo remoto. A criança que diz ter dificuldades com a aula remota tem 7 anos e a que demonstrou menor dificuldade tem 11, o que pode levar ao entendimento de que as menores necessitam, de todo modo, do acompanhamento dos pais em qualquer modalidade de aprendizagem.

Sobre a intensidade de leitura durante a pandemia, notou-se que as crianças só leram quando esta foi exigida pela escola. Assim, os livros que disseram ter lido durante esse período foram especialmente aqueles indicados pela escola; razão pela qual a Comunidade Social Cristã Beneficente, local no qual o estudo foi realizado, optou por abrir sua biblioteca, para que os pais pudessem buscar livros para as crianças, entendendo que muitas não liam por não terem livros em casa, já que acompanhavam com prazer as oficinas de literatura da instituição antes da pandemia. Quando questionado às que estão lendo livros se estes ajudavam nesse momento de isolamento, 13 crianças responderam que sim, que os livros as fazem se sentir bem, mas novamente percebeu-se a pouca presença dos livros nas casas destas famílias como um elemento que efetivamente dificulta a leitura da criança.

No tópico de atividades realizadas durante o dia a dia da criança, 15 utilizaram a palavra brincar, em algum momento do seu dia. Já as palavras estudar ou tarefa, foram citadas por oito crianças. Seis afirmaram ter, em algum momento, desobedecido as normas e quebrado a quarentena, seja brincando na rua ou vendo seus familiares ou amigos em outros ambientes que não sua casa. Três crianças citaram ajudar nas tarefas domésticas durante o período da pandemia. Cinco afirmaram que nesse período brincam com os seus animais.

Quando a criança afirmava possuir animal de estimação, foi perguntado se isso a ajudava em tempos de quarentena. Nesse item, 13 crianças citaram ter animais de estimação, e todas afirmaram que eles ajudaram em tempos de quarentena. Esse tópico demonstrou a importância dos animais em relação a ser um fator não estressor e de grande ajuda na vida das crianças em momentos geradores de estresse.

Observou-se que as crianças entrevistadas sofreram o impacto estressor da Covid-19. É o que mostra, por exemplo, a fala a seguir: “*Eu não gosto de ficar em casa, porque me estressa muito [...] Às vezes eu passo do limite de tão estressada que eu sou nessa quarentena [...]*” (A. B., 12 anos).

O documento intitulado “Nota de Alerta: Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de Covid-19” (2020), destacou a possibilidade de elevação de hormônios do estresse, tais como cortisol e adrenalina, capazes de sobrecarregar o sistema cardiovascular e atrapalhar o desenvolvimento cerebral das crianças em razão dessa sobrecarga emocional trazida pela pandemia. O resultado disso são transtornos do sono, queda no rendimento escolar e até depressão, com reflexos que podem se estender até a vida adulta.

Segundo Weide *et al.* (2020), é comum ter sentimento e emoções negativas, como medo, tristeza, raiva e solidão, além de ansiedade e estresse em tempos de epidemias e pandemias; conforme nos mostram os seguintes relatos: “*Eu sinto com raiva, eu sinto triste*” (M. V., 7 anos), e “*Ah, me sinto mal, sabe? Porque as pessoas ficam doentes sabe? Principalmente as mais velhas, sabe? Então, assim, é triste*” (P. A., 9 anos).

É importante observar que, crianças que têm no seu repertório subjetivo, ações e sentimentos de raiva, podem, ao se estressar, deixar a raiva mais evidente. Algumas crianças demonstraram impaciência com este período tão difícil, que é a pandemia de Covid-19. O exemplo pode ser extraído da fala de C., 8 anos: “*Penso que é muito ruim esse vírus e que ele tem que acabar logo*”. É importante notar que o estresse foi sentido de maneira diferente por cada criança, tendo sido mais tóxico para algumas do que para outras. Desse modo, o grau de irritabilidade foi variável.

Um dos sinais de estresse tóxico, de acordo com o Guia de Saúde Mental Pós-Pandemia no Brasil (2020), é o isolamento, a falta de interesse no diálogo com amigos ou da realização de atividades anteriormente prazerosas, além do aumento da agressividade:

Quando eu passo dos limites, eu não quero ver ninguém... eu fico muito estressada, eu não quero ninguém fale comigo, não quero que fica me irritando. Tipo assim, meu irmão, ele me chama 10 milhões de vezes, quando parece que estressada, pra brincar ai eu falo que não e ele me deixa passar dos limites (A. B., 12 anos).

Gosh *et al.* (2020) afirmam que os reflexos da pandemia de Covid-19 nas crianças retratam o medo de serem infectadas ou de isso vir a acontecer com seus familiares, além da sensação de tédio sem as atividades habituais, ausência de espaço pessoal em casa, e da dificuldade financeira vivida pelas famílias. Como resultado, o estresse aparece como um fenômeno psicossocial do isolamento, das modificações da rotina, trazendo efeitos negativos na saúde geral da criança.

A preocupação com parentes ou amigos que contraíram o vírus também se fez presente nas narrativas das crianças, constituindo-se num fator estressor: “*Eu sinto muitas tristezas, porque meu pai e minha mãe pegou e um monte de gente mais pegou. E o meu pai também ficou muito mal*” (E., 9 anos).

Nesse sentido, quando E., 9 anos, afirmou não gostar de ver coisas tristes e pessoas contaminadas, nos leva a considerar que a constante circulação de notícias de cunho negativo sobre a Covid-19 pode provocar estresse nas crianças, bem como alterações emocionais: “*Eu não gosto de ver essas coisas tristes. Eles mostram as pessoas “contagiada”, assim, né?”*”.

Um estudo de Talevi e colaboradores (2020), destacou que ansiedade, estresse, solidão, raiva e medo são fenômenos psicológicos possíveis durante momentos de epidemia, e devem ser seriamente considerados. Os autores chamaram a atenção para o surgimento de uma síndrome caracterizada como ‘*headline stress disorder*’, traduzida como transtorno de estresse nas manchetes, que retrata uma resposta emocional aos relatos da mídia, promovendo sintomas físicos como palpitação e insônia.

Sabemos que as crianças são seres profundamente sociáveis, que seu desenvolvimento depende de fatores, que incluem sua natureza psicossocial, emocional, bem como do ambiente que as cercam (OPAS, 2005). Nesse viés, ocorreram muitas

interferências com a pandemia de Covid-19, que as privaram desse contato com a sociedade. Essa falta é sentida como demonstram as queixas da maioria das crianças sobre sentir falta dos amigos, dos professores, da escola e da família.

Mudanças estruturais no cotidiano das pessoas durante a pandemia demonstraram ter influência direta e indireta sobre o comportamento das crianças, podendo levá-las a sofrer modificações de humor, sintomas de estresse pós-traumático, depressão ou ansiedade. Acrescente-se a isso o fato de que muitas tiveram de lidar com o luto dos familiares (MATA *et al.*, 2020).

Estar apenas em casa de fato protege as crianças do vírus, porém acrescenta uma preocupação relacionada ao sofrimento que o isolamento social traz, considerando as consequências e riscos em níveis de desenvolvimento psicológico, pedagógico, social e familiar (GASTAUD *et al.*, 2020 citado por HYBNER; AZEVEDO, 2021).

Apoiando a prática de distanciamento social, as escolas foram os ambientes que aderiram ao fechamento como forma de prevenção à Covid-19. Os pais podem, assim, ter um papel maior na educação das crianças nesse período. Com as aulas remotas e atividades sendo realizadas em casa, duas crianças demonstraram precisar, muitas vezes, da ajuda dos pais tanto para ler quanto para fazer as atividades. Esse novo cotidiano tem gerado estresse nos pais que se veem obrigados a pensar maneiras de distrair as crianças, de lhes ensinar as tarefas escolares sem o devido preparo para isso (ARAÚJO *et al.*, 2020).

Diante da sobrecarga que o estresse por período longo causa, pode-se afetar a maneira do adulto em dar suporte à criança e, assim, afetar o desenvolvimento infantil. Visto que nem todos os pais têm condições de dar ajuda em atividades escolares é importante pensar quem poderia auxiliar as crianças neste momento (DALTON *et al.*, 2020).

No período de pandemia, a tecnologia se fez muito presente no novo dia a dia das crianças. É sabido que cada faixa etária tem um tempo de tela máximo recomendado por dia de uso. A partir disso, notou-se a extrapolação dessa recomendação, visto que agora, além do uso recreativo, em muitas escolas as aulas e atividades são *on-line*, colocando às crianças um risco maior de efeitos negativos à sua saúde (SINGH *et al.*, 2020). Por outro lado, a cartilha ‘Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19’ (2020); apresenta nas recomendações gerais; a tecnologia como ajuda na questão do isolamento social, uma vez que pode fornecer contato com parentes e amigos através das redes sociais, sempre tendo a monitoração dos pais e responsáveis.

As crianças dessa pesquisa também foram questionadas sobre o uso de aparelhos eletrônicos, sendo que 14 delas disseram assistir TV, usar o celular ou o *tablet*, assistir vídeos ou filmes nas plataformas YouTube e Netflix. Frente a isso, o estudo de Gosh *et al.* (2020) pontua que o ambiente familiar é o primeiro lugar que a criança irá aprender inúmeros comportamentos correspondentes a valores e à cultura, contudo, a escola também oferece um espaço, onde crianças aprendem além de partes pedagógicas, hábitos de higiene, alimentação e atividade física, contribuindo com o relacionamento interpessoal ampliado. Sem esse espaço, e vivência do contato com a realidade, o virtual passou a fazer parte de um maior tempo no cotidiano da criança, auxiliando-a construir sentido para a vida sem as relações sociais presenciais.

#### 4 CONCLUSÃO

O estudo realizado possibilitou, por meio da análise das entrevistas das crianças, entrar em contato com a percepção em como essa faixa etária tem lidado com o isolamento social, trazendo ou não como consequência o estresse. Também se observa o paradoxo entre a importância do isolamento social e os riscos que o mesmo proporciona na saúde mental das pessoas.

As famílias têm especial importância no cuidado das crianças no cenário atual. Tendo oportunidade, podem, ao serem exemplos, ensinar comportamentos saudáveis aos filhos, naquilo que compreendem como saúde para si. Assim, respeitando a subjetividade e o espaço da criança, construindo uma comunicação e interação amigáveis, vão promover uma melhor forma como a criança lida com o mundo e com as consequências sociais advindas da pandemia.

O governo tem fundamental responsabilidade, garantindo a volta das crianças para as escolas, de forma segura, além de oferecer renda emergencial para as famílias. As escolas, podem reorganizar o calendário escolar e o plano pedagógico, visando inserir em suas práticas, as orientações de higiene, manutenção da rotina, exercícios físicos e alimentação adequada.

Contudo, é importante ressaltar que, crianças de diferentes classes sociais, cujas famílias diferem em questões socioeconômicas, terão desiguais formas de acesso ao estudo remoto, e às atividades de lazer ao ar livre, gerando lacunas na aprendizagem e implicações na saúde mental. Para esse impacto ser menor possível, é necessário garantir acesso a todas as crianças ao ensino remoto, sendo as famílias carentes subsidiadas financeiramente (GOSH *et al.*, 2020).

Por fim, cabe ressaltar o estudo de Hybner e Azevedo (2021), quando apontam a importância de olhar para o impacto das consequências indiretas da pandemia, especialmente no universo infante-juvenil, destacando o estresse frente ao afastamento do convívio com os amigos, o uso em excesso de telas, e os riscos relacionados ao impacto financeiro de cada família, podendo ocasionar assim, sintomas de depressão.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. N. G. Infância e Pandemia. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 2, n. 8, Ed. Esp., p. 114-121, jun./2020. Disponível em:  
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53733/751375150147>.  
Acesso em: 16 DE MAIO DE 2021

BARATA, R.B. **Cem anos de epidemias e pandemias**. Ciênc. Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 333-345, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um Manual Prático. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOCACCIO, G. **Decameron**. Tradução Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARMANDARI, E.; KINO, T.; SOUVATZOGLOU, E.; CHROUSOS, G. P. **Pediatric Stress: Hormonal Mediators and Human Development**. *Horm Res* 2003; 59: p. 161-179. doi: 10.1159/000069325. Acesso em: 07 jun. 2021.

DALTON, L.; RAPA, E.; STEIN, A. **Protecting the psychological health of children through effective communication about COVID-19**. *Lancet Child Adolesc Health*, v. 4, ISSUE, p. 346-347, may, 2020. Disponível em:  
[https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642\(20\)30097-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642(20)30097-3/fulltext). Acesso em: 30 de maio de 2021.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DA ADOLESCÊNCIA 2017. ECA.

GHOSH, R.; DUBEY, J. M.; CHATTERJEE, S.; DUBEY, S. **Impact of COVID-19 on children: special focus on the psychosocial aspect.** *Minerva Pediatrica* 2020 June; 72 (3): p. 226-35 - DOI: 10.23736/S0026-4946.20.05887-9. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32613821/>. Acesso em: 16 mai. 2021.

HYBINER, J. M. B. M.; AZEVEDO, G. A. N. **A influência da iluminação nas emoções de jovens no contexto da pandemia de COVID-19.** *Desidades*. n. 29, ano 9, p. 32-52, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://desidades.ufrj.br/wp-content/uploads/Desidades292-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

**JOVEM SOBE NO ALTO DE ÁRVORE PARA MELHORAR SINAL DE INTERNET E ASSISTIR AULAS NO PARÁ.** G1. 21 de março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghtml>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. **Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil.** *Estud. psicol. (Campinas)* 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/?lang=pt>. Acesso em: 03 de junho de 2021.

MARQUES, E. S. *et al.* **A violência contra as mulheres, crianças e adolescentes, em tempo de pandemia de Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento.** *Cadernos de Saúde Pública*. v. 36, n. 4, 2020. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

MATA, I. R. S. da.; DIAS, L. S. C.; SALDANHA, C. T.; PICANÇO, M. R. A. **As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças.** *Residência Pediátrica*, v. 10, n. 3, 2020. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatria.com.br/pdf/rp280121a08.pdf>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19.** Crianças na pandemia COVID-19. Brasília: Ministério da Saúde/FIOCRUZ, 2020. Acesso em: 3 de abril de 2021.

MORAES, C. L.; HASSELMANN, M. H.; DESLANDES, S. F.; REICHENHEIM, M. E. **A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento.** *Cad. Saúde Pública* [online], v. 36, n. 4, e00074420, 2020. DOI: 10.1590/0102-311x00074420. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020000400505](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000400505). Acesso em: 13 ago. 2020.

MORAIS, A. C.; MIRAND, J. O. F. **Repercussões da pandemia na saúde das crianças brasileiras para além da Covid-19.** *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 31 (1), p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/TyQRp6NVBwz5MRzScWxdDnj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2021.

PASTORE, M. D. N. **Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos?**

Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. Brazilian Journal of Occupational Therapy, Preprint, 2020.

PETERMAN, A. *et al.* **Pandemics and violence against women and children.** Center for Global Development, apr. 2020. (Working paper 528). Disponível em:

<https://www.cgdev.org/sites/default/files/pandemics-and-vawg-april2.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

POLLETO, M.; KOLLER, S. H.; DELL'AGLIO, D. D. **Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre.** Ciência e Saúde Coletiva, 14 (2), p. 455-466. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200014>. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

SINGH, S.; ROY, D.; SINHA, K.; PARVEEN, S.; SHARMA, G.; JOSHI, G. **Impact of COVID-19 and lockdown on mental health of children and adolescents: a narrative review with recommendations.** Psychiatry Res. 2020 Nov; 293: 113429. doi: 10.1016/j.psychres.2020.113429. Epub 2020 Aug 24. PMID: 32882598; PMCID: PMC7444649.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA - SBP. **Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de Covid-19.** 2020. Disponível em:

[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/22420c-NAAlerta\\_Pais\\_e\\_Filhos\\_em\\_confinamento\\_COVID-19.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22420c-NAAlerta_Pais_e_Filhos_em_confinamento_COVID-19.pdf). Acesso em: 19 de maio de 2020.

TALEVI, D.; SOCCI, V.; CARAI, M.; CARNAGHI, G.; FALERI, S.; TREBBI, E.; BERNARDO, A.; Di. CAPELLI, F.; PACITTI, F. **Mental health outcomes of the CoViD-19 pandemic.** Riv Psichiatr 2020; 55 (3): p. 137-144 | doi 10.1708/3382.33569. Disponível em: <https://www.rivistadipsichiatria.it/archivio/3382/articoli/33569>. Acesso em: 17 mai. 2021.

WEIDE, J. N.; VICENTINI, E. C. C.; ARAUJO, M. F.; MACHADO, W. L.; ENUMO, S. R. F. (2020). **Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia.** Porto Alegre: PUCRS/Campinas: PUC-Campinas. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2020/04/cartilha-enfrentamento-do-estresse.pdf.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19.** Geneva: WHO, 2020a. Disponível em:

<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---20-april-2020>. Acesso em: 09 maio. 2020.